

**SALES OLIVEIRA E ORLÂNDIA (1)**

Da mesma forma que fizemos numa sexta-feira de agosto quando visitamos cidades ao sul, planejamos uma nova incursão turística pelos arredores de Franca, desta vez para o oeste. O objetivo oficial era conhecer obras do arquiteto Ângelo Bucci em Orlandia. Na véspera da viagem, um desastroso evento provocado pelas queimadas na região nos levaram a pensar em adiamento: o fogaréu na região de Batatais e Restinga, que transformaram em fuligem quilômetros e quilômetros quadrados de matas e plantações de cana em proporções assustadoras, paisagem Mad Max ajustada aos tempos bozistas que vivemos.

Acompanhamos a evolução dos incêndios e seu controle pelos bombeiros. Estradas liberadas, resolvemos manter a viagem. A saída pela região do Distrito Industrial de Franca em rodovia duplicada permite ver como o aterro sanitário da cidade está se tornando uma nova montanha (artificial) tal sua altura, assunto para outra vez. O primeiro destino era São José da Bela Vista, município com nove mil habitantes que foi distrito de Franca até 1948, terra do compadre arquiteto Paulo Nehemy, onde seus pais plantavam batatas. A cidade continua com sua base econômica rural. Chegamos por volta de 7h30 da manhã, a cidade quase adormecida. A praça principal está bem cuidada. A igreja matriz com sua torre, a mais alta construção da cidade, também está em bom estado. Em seguida, prosseguimos sob céu acinzentado pela fumaça em direção a Nuporanga, cidade com oito mil habitantes a 53 km de Franca, região que começou a ser povoada a partir de meados do século XIX.

Nuporanga, por seu clima temperado, foi transformada em estância climática e um hotel foi construído pelo poder público na década de 60. Sua economia tem base rural (cana, soja, café) e uma unidade da JBS Foods (Seara) é a maior empresa local. Em meados dos anos 80 meus pais resolveram levar todos os seis filhos já casados com genros, noras e netos para comemorar seu aniversário de casamento, todo mundo junto. Ocupamos metade do hotel municipal, a meninada se esbaldou caminhando e explorando a tranquila e bonita cidade. A praça principal é um brinco, com seus casarões bem conservados no entorno da praça e da igreja matriz, inclusive um pequeno centro cultural. Ficou famosa e comentada nas festas da família a cena de uma sobrinha que não usava garfo e faca para cortar e comer o bife, usava as mãos. Na saída, um vexame: meu Gol a álcool não ligava (na época havia o slogan “Carro a álcool, você ainda vai empurrar um”), a meninada empurrou até o motor “pegar”. Fomos rever o velho hotel. Perguntei onde era o hotel a uma senhora que caminhava na praça que se espantou, perguntou se ia hospedar lá, disse que não, só queria rever o prédio.

Logo descobri a razão do espanto da mulher. Como ultimamente nesse país, decepção. O hotel foi reformado alguns anos atrás, mas está desativado. O prédio pertence ao poder público, mas parece que a privatização dos serviços não deu certo, um patrimônio enorme abandonado. Dali, seguimos viagem em direção a Sales Oliveira, apenas 15 minutos na estrada com a paisagem desoladora pela queimada e permanente ar esfumaçado.

A entrada de Sales, próxima a Ribeirão Preto e à rodovia Anhanguera, é uma avenida que acompanha o antigo traçado da estrada de ferro Mogiana. Logo nos deparamos com a estação ferroviária da cidade, transformada em museu local. Vimos placa com a logomarca do

genocida “Pátria armada”, indício de uma obra de recuperação do prédio. No entanto, o museu está fechado, acervo encaixotado e a obra paralisada, que seria a triste tônica do setor cultural na viagem. (Continua semana que vem)

Mauro Ferreira é arquiteto